



CORPO DE DELITO

A tudologia

Os tudólogos não se limitam a falar sobre tudo, com força ou grito, e rapidamente, pois fazem-no sempre contra isto ou aquilo, ou denunciando, pondo a nu, destapando, mesmo que sejam só números de circo, gritaria oca ou precipitações assentes em falta de estudo ou de reflexão



Rui Patrício

Quase não há dia em que no espaço público (que é hoje quase só o espaço mediático) não possamos encontrar um tudólogo ou uma tudóloga. E que espécie é essa? Começemos por definir pela negativa, embora metodologicamente talvez não seja o caminho mais científico (mas a ciência também já não é o que era). Ora, não é um ou uma achista, pois não se limita a achar isto ou aquilo. Quer dizer, é achista, mas é bem mais do que isso, sendo também certo que achistas há muitos e tudólogos há poucos. Também não é um ou uma opinadora profissional, ou sequer residente ou frequente, porque, embora opine muito, não faz disso profissão ou atividade, e tem um conjunto de características (veremos adiante) que só se encontram, cumuladas, em poucos seres. Por isso, talvez seja uma espécie rara e, ao mesmo tempo, tão requisitada, embora a frequência da requisição (e da aceitação) também resulte de outros fatores, como sejam: a necessidade de preencher o abundante espaço mediático; o atual gosto geral pela polémica, ou mesmo pela gritaria; a imperiosa necessidade que o tudólogo ou a tudóloga tem de dizer coisas; a rapidez com que as notícias, os eventos, as crises, as fraturas e os problemas se sucedem, ao ponto de ser preciso, com muita frequência, recorrer à tudologia, que é uma ciência que sai barata, enche o olho ou o ouvido e, estou em crer, dá um enorme prazer aos cientistas que a

cultivam; ou, se não lhes dá vivo prazer, pelo menos corresponderá a uma incapacidade, qual seja a de, ao menos às vezes, estarem prudentemente calados. Ora, para ser um tudólogo ou uma tudóloga são precisas, pelo menos, cinco coisas, e todas juntas no mesmo ser. Primeiro, tem de ser apto e estar disponível a falar sobre tudo – isso é essencial e, aliás, aí radica o ponto de Arquimedes da tudologia. Segundo, tem de se ter essa disponibilidade sempre e rapidamente, mesmo que o tema requeresse ou aconselhasse preparação e ela não seja possível ou não esteja (por razões exógenas ou endógenas) ao alcance do cultor da tudologia; não importa, há que responder ao apelo e ir opinar logo. Terceiro, e essencial, há que opinar com força, com convicção, quando não mesmo de modo estridente, aqui e ali levantar a voz, ou gritar, e ser sempre polémico, assertivo, aparentemente corajoso; não há tudologia morna, nem cautelosa, nem dubitativa. Quarto, o tudólogo ou a tudóloga são contra e denunciam, esse é o seu ofício, e isso faz deles grande parte do que são; não se limitam a falar sobre tudo, com força ou grito, e rapidamente, fazem-no contra isto ou aquilo, ou denunciando, pondo a nu, destapando, mesmo que sejam só números de circo, gritaria oca ou precipitações assentes em falta de estudo ou de reflexão. Quinto, e finalmente, invocam sempre bons fins, causas nobres, fraturas necessárias, e, sobretudo, a tudologia é contra essa coisa vaga e nebulosa que são os “interesses instalados”, mesmo quando o tudólogo ou a tudóloga não são outra coisa senão um produto acabado dessa nebulosa ou aspirantes à sua própria instalação interesseira, precisamente à custa da tudologia.

*Escreve quinzenalmente
à sexta-feira*